

## Aprendizagem ao Longo da Vida – Inquérito à Educação e Formação de Adultos 2007

A publicação Aprendizagem ao Longo da Vida – Inquérito à Educação e Formação de Adultos 2007, apresenta, de forma compreensiva, os resultados do Inquérito à Educação e Formação de Adultos (IEFA), com o objectivo principal de caracterizar a população portuguesa adulta<sup>1</sup> na sua relação com a participação em actividades de aprendizagem.

Tendo por base as vertentes abordadas no inquérito – participação dos adultos em actividades de educação e aprendizagem nos domínios formal, não formal e informal – os resultados do IEFA, que se apresentam nesta publicação, estruturam-se em três grandes domínios: caracterização dos indivíduos face à aprendizagem; impactos que a mesma tem na sua vida; e transmissão intergeracional da educação.

### Os Indivíduos Face à Aprendizagem

A aprendizagem ao longo da vida pressupõe, por definição, a participação dos indivíduos em actividades de educação formal e/ou em actividades de educação não formal. Complementarmente consideram-se, também, as actividades, que, embora não subordinadas a um qualquer processo organizado, decorrem da vida quotidiana dos indivíduos e são desenvolvidas numa base de auto-aprendizagem – a aprendizagem informal.

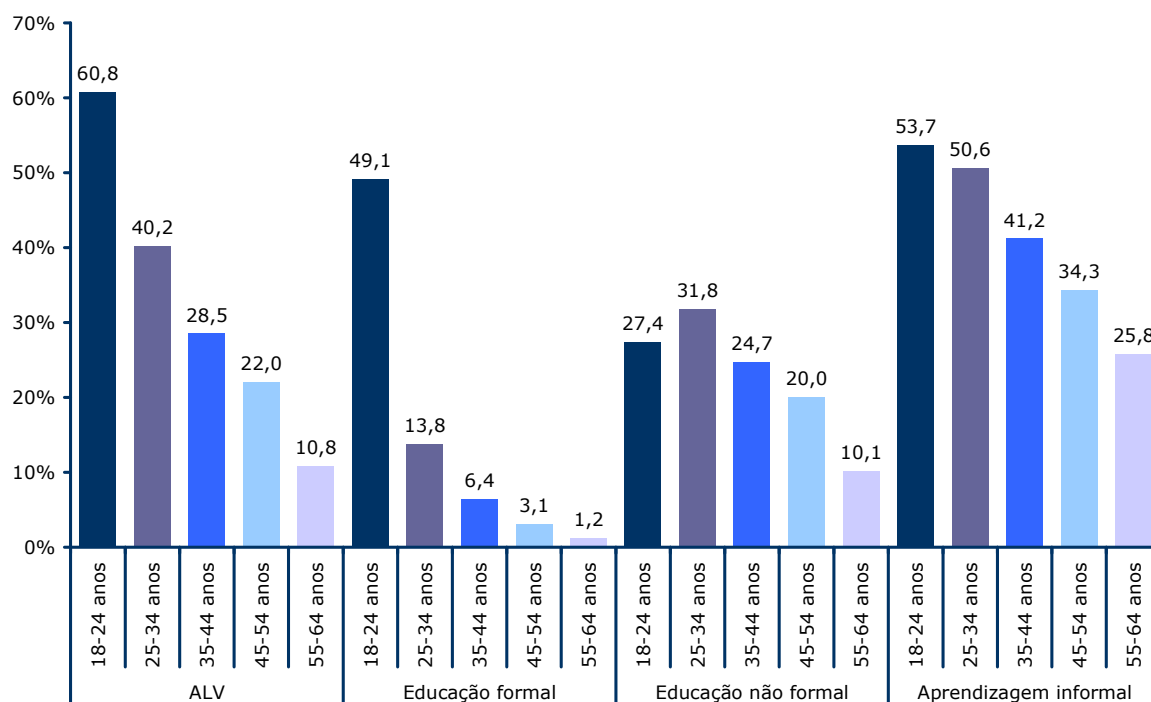
A participação dos indivíduos no conjunto das actividades referidas permite adquirir, desenvolver ou melhorar conhecimentos e aptidões na esfera pessoal, cívica, social e ou/profissional. Neste contexto, a apresentação de resultados desta publicação baseia-se na caracterização dos indivíduos que participaram em actividades de Aprendizagem ao Longo da Vida – actividades de educação formal e não formal – e participação em actividades de Aprendizagem Informal. Adicionalmente, caracterizam-se também os indivíduos que não participaram em qualquer actividade de aprendizagem.

Em 2007, 30,9% dos indivíduos com idade entre os 18 e os 64 anos participaram em pelo menos uma actividade de aprendizagem ao longo da vida, ou seja, desenvolveram alguma actividade de educação formal (12,0%) ou não formal (23,1%). No mesmo período, 40,8% realizaram alguma actividade de aprendizagem informal. Do total de indivíduos dos 18 aos 64 anos, 51,8% participaram em pelo menos uma actividade de aprendizagem.

Os resultados mostram, em geral, uma elevada participação nos diferentes tipos de educação, formação e aprendizagem dos indivíduos mais jovens, estudantes e activos, mais escolarizados, com competências no domínio das línguas e em Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), leitores de livros e de jornais. Cada uma destas variáveis assume, no entanto, um peso diferente na decisão de participação por parte dos indivíduos, afectando também de forma diferenciada os diversos tipos de aprendizagem em análise.

<sup>1</sup> População dos 18 aos 64 anos

**Figura 1 - Proporção de indivíduos com idade entre os 18 e os 64 anos que participou em actividades de aprendizagem ao longo da vida (ALV), em educação formal e não formal, e aprendizagem informal (%) por grupo etário**

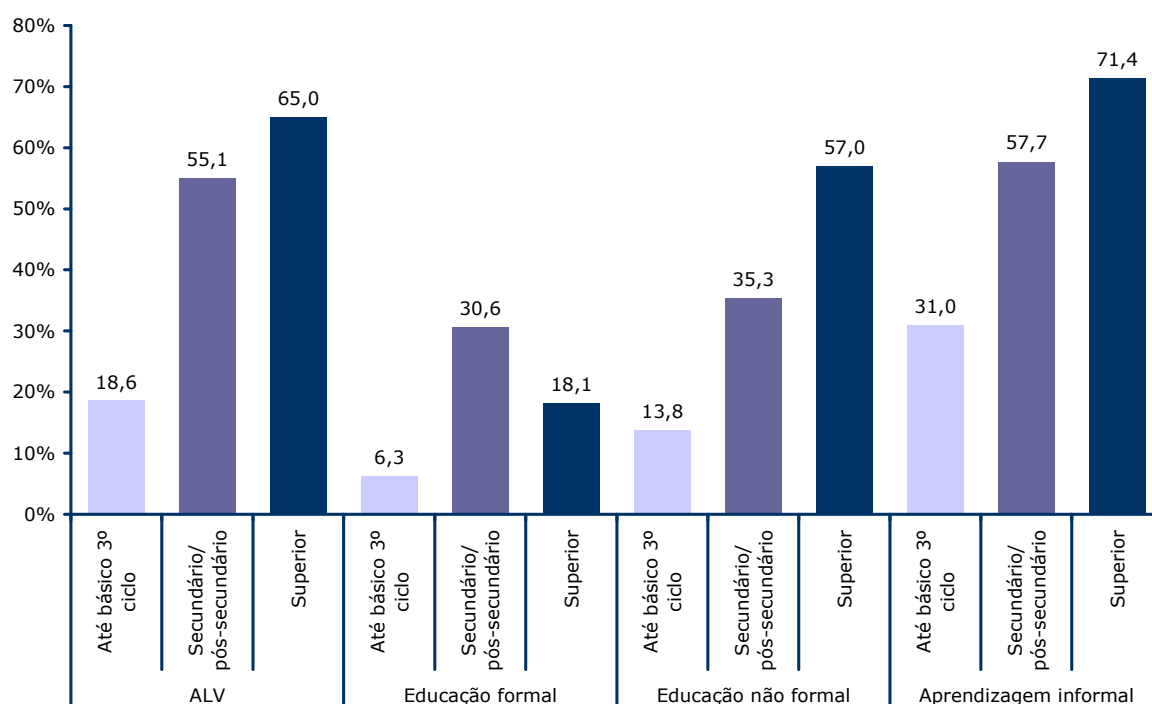


A proporção de participação em educação formal é muito determinada pela idade, atingindo os valores mais elevados para o escalão etário em que é considerada habitual a frequência escolar – assim, 49,1% dos indivíduos com idades entre os 18 e os 24 anos participaram em educação formal.

Na educação não formal e na aprendizagem informal, ainda que a participação seja mais expressiva nos indivíduos com idade até aos 34 anos, observa-se uma distribuição menos diferenciada entre os vários grupos etários do que na educação formal.

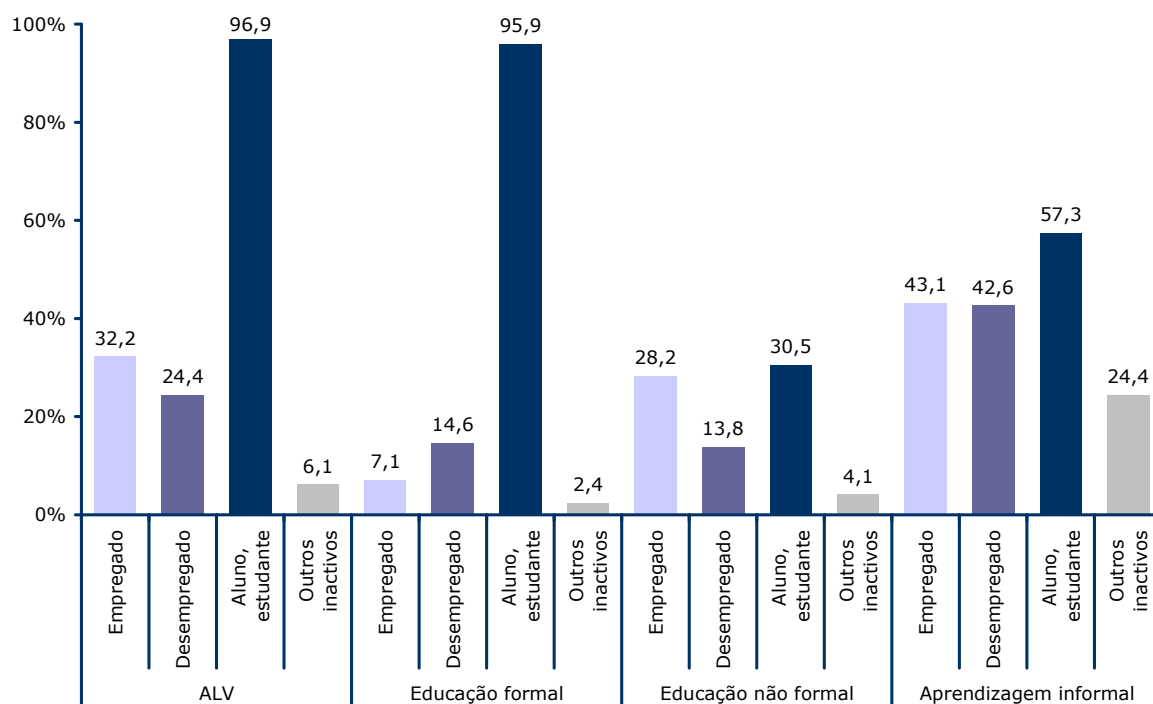
É o nível de escolaridade que se revela determinante na participação em educação, formação e aprendizagem. A evidência estatística de que os indivíduos com níveis de escolaridade mais altos apresentam proporções de participação acima da média é confirmada pela análise dos modelos de probabilidade de participação estimados.

**Figura 2 - Proporção de indivíduos com idade entre os 18 e os 64 anos que participou em actividades de aprendizagem ao longo da vida (ALV), em educação formal e não formal e aprendizagem informal (%) por nível de escolaridade mais elevado completo**



A proporção de participação varia, assim, na razão directa do nível de escolaridade, exceptuando a educação formal, em relação à qual decorre intrinsecamente uma maior proporção de participantes com escolaridade de nível secundário/pós-secundário (30,6%). Dos indivíduos que possuem escolaridade superior, 65,0% estiveram envolvidos em actividades de aprendizagem ao longo da vida e 71,4% em aprendizagem informal. Por comparação com os indivíduos que não têm qualquer escolaridade, a probabilidade de quem tem escolaridade superior participar em aprendizagem ao longo da vida e em aprendizagem informal é superior em 78,3 pontos percentuais (p.p.) e 56,1 p.p., respectivamente.

**Figura 3 – Proporção de indivíduos com idade entre os 18 e os 64 anos que participou em actividades de aprendizagem ao longo da vida (ALV), em educação formal e não formal e aprendizagem informal (%) por condição perante o trabalho**



Estudantes, empregados e desempregados são as categorias de condição perante o trabalho que apresentam maiores proporções de participação em aprendizagem ao longo da vida, respectivamente, 96,9%, 32,2% e 24,4%.

Ser activo (empregado ou desempregado) e estudante tem associado um efeito positivo na probabilidade de participação nestas actividades. Considerando a aprendizagem ao longo da vida, face aos indivíduos classificados como domésticos, os estudantes têm associada uma probabilidade de participação superior em 77,1 p.p.; os empregados 23,2 p.p.; e os desempregados 22,9 p.p..

Uma análise semelhante para as actividades de educação não formal, utilizando o mesmo grupo de referência, revela que a probabilidade de realizar actividades de educação não formal é superior em 24,8 p.p. se o indivíduo for estudante, em 19,7 p.p. se for empregado e em 12,2 p.p. se for desempregado.

### O conhecimento de línguas e de TIC na aprendizagem

Ao conhecimento de outras línguas, para além da língua materna, associam-se proporções de participação em actividades de educação, formação e aprendizagem mais elevadas. Quase metade dos indivíduos que conhece outras línguas participou em qualquer actividade de aprendizagem ao longo da vida (47,9%): cerca de um quinto em educação formal (19,4%) e mais de um terço (36,0%) em educação não formal, proporções que comparam com 12,4%, 4,0% e 9,1% para os indivíduos que referem não ter esse tipo de conhecimento.

Os indivíduos que conhecem pelo menos uma língua estrangeira têm associada uma probabilidade superior em 9,6 p.p de se envolverem em actividades de aprendizagem ao longo da vida, por comparação com os que conhecem apenas a língua materna.

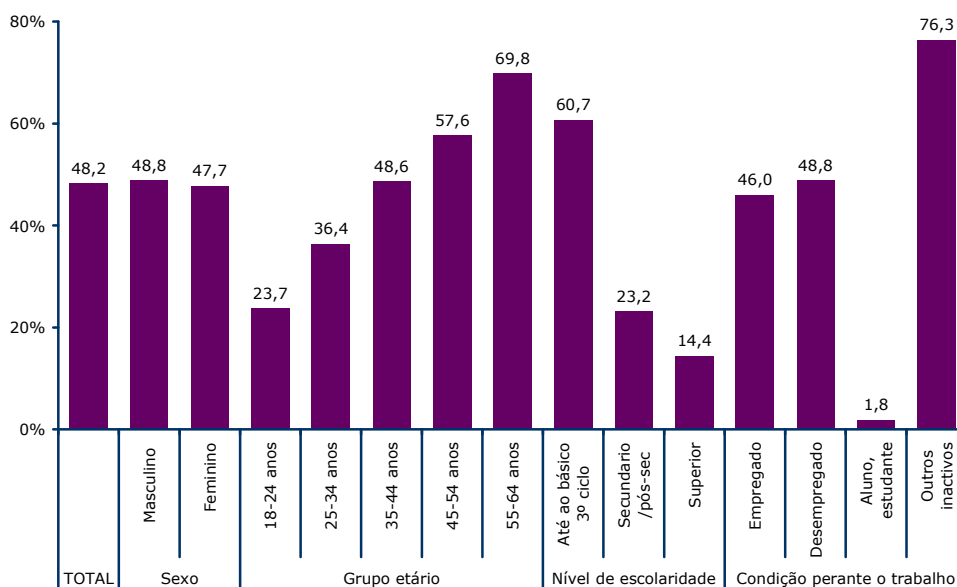
A passagem para níveis de competências TIC mais elevados faz-se acompanhar por um aumento da proporção de participantes em todas as vertentes da aprendizagem. Dos peritos em informática, 65,6% participaram em aprendizagem ao longo da vida e 68,7% em aprendizagem informal. Estes valores comparam com, respectivamente, 7,2% e 19,0% dos indivíduos que não sabem utilizar computador.

Face aos indivíduos que não sabem utilizar computador, a probabilidade de um utilizador perito em TIC participar em actividades de aprendizagem ao longo da vida, em educação não formal e em aprendizagem informal é superior em 37,8 p.p., 28,5 p.p. e 27,2 p.p., respectivamente.

### A não participação em aprendizagem

Se as questões da educação e da formação se revestem de importância crucial numa sociedade em que a contínua aquisição de conhecimentos e de competências constitui cada vez mais um requisito para a participação dos cidadãos nas diferentes esferas da vida social e económica, enquanto cidadãos plenos, activos e integrados, designadamente no mercado de trabalho, importa também aprofundar a dimensão e características da não participação.

**Figura 4 - Proporção de indivíduos com idade entre os 18 e os 64 anos que não participou em actividades de educação, formação e aprendizagem (%) por sexo, escalões etários, nível de escolaridade mais elevado completo e condição perante o trabalho**



Em 2007, aproximadamente metade da população com idade entre os 18 e os 64 anos, 48,2%, não participou em qualquer actividade de aprendizagem, seja formal, não formal ou informal, apresentando homens e mulheres um comportamento semelhante nesta matéria (48,8% e 47,7%, respectivamente). A não participação é um fenómeno com uma notória marca geracional, abrangendo um quarto dos indivíduos mais jovens, do escalão etário dos 18 aos 24 anos (23,7%), proporção que aumenta nos escalões etários seguintes, para abranger quase três quartos dos indivíduos mais velhos, do escalão etário dos 55 aos 64 anos (69,8%).

Em traços gerais, o perfil tipo do não participante em actividades de educação ou formação pode definir-se nos seguintes moldes: é um indivíduo com idade superior a 45 anos; com um nível de escolaridade completo que não ultrapassa o 3º ciclo do ensino básico; vive em zonas pouco povoadas; é sobretudo inactivo e, se exerce uma profissão, enquadra-se nos grupos profissionais menos exigentes em termos de qualificações; auferem um nível de rendimentos não superior a 750 euros; não utiliza computador ou Internet; não conhece ou consegue usar outras línguas para além da língua materna e não tem hábitos de leitura de livros ou de jornais.

O percurso educativo formal de cada indivíduo parece não ser negligenciável no seu envolvimento em actividades desta índole. Dos indivíduos cujo nível de escolaridade não ultrapassa o 3º ciclo, 60,7% não participa em actividades de aprendizagem; para os indivíduos com o nível secundário/pós-secundário esta proporção de não participação é de 23,2% e de 14,4% para os indivíduos com nível de ensino superior.

### Os Impactos da Aprendizagem

A avaliação do impacto da participação em actividades de aprendizagem ao longo da vida e de aprendizagem informal no desempenho do indivíduo no mercado de trabalho é efectuada numa dupla perspectiva: análise da probabilidade de transição para o mercado de trabalho, em particular para o emprego; e análise da associação entre participação naquelas actividades e remunerações do trabalho.

Analisando globalmente as transições do desemprego para o emprego, é à participação em educação não formal que se associa a mais alta taxa de transição, 50,6%, o que compara com 30,9% dos participantes em aprendizagem informal e com 16,3% dos participantes em educação formal. A participação em actividades de aprendizagem ao longo da vida por razões profissionais acentua as transições para o mercado de trabalho e do desemprego para o emprego.

Considerando os participantes em educação não formal, conclui-se que: 97,5% dos empregados mantêm essa condição perante o trabalho; mais de metade dos desempregados (50,6%) transita para uma situação de emprego; e mais de um quarto dos estudantes transita para o mercado de trabalho, seja para o emprego (18,4%), ou para o desemprego (9,6%).

Da análise da associação entre a participação em actividades de aprendizagem e o nível de rendimento, observa-se que à participação em actividades de aprendizagem ao longo da vida e em aprendizagem informal está associada uma variação positiva nos rendimentos do trabalho.

O efeito associado à educação não formal varia entre 13,0% quando se considera apenas as variáveis que capturam o capital humano do indivíduo (modelo base – participação em educação não formal, aprendizagem informal, nível de escolaridade completo, antiguidade na empresa e idade) e 6,2% quando se consideram também as outras variáveis, como a profissão, a dimensão da empresa, a actividade económica e a região (modelo completo).

Os efeitos nos rendimentos, tratando-se da aprendizagem informal, variam entre 3,7% (considerando as variáveis de capital humano) e 2,9% (considerando também as outras variáveis).



Os resultados desta análise para a educação formal evidenciam a forte associação estatística entre o nível de escolaridade e os rendimentos do trabalho: quanto maior a educação formal do indivíduo, maior o seu rendimento. No modelo base (considerando apenas variáveis de capital humano) a variação no rendimento é de 8,0% para o nível de escolaridade básico de 1º ciclo (quando comparado com não ter completado qualquer nível de escolaridade), aumentando até 55,1% para o ensino superior (quando comparado com o nível de ensino secundário). Com o modelo completo (capital humano, profissão, características da empresa e região), as variações do rendimento são entre 7,8% (1º ciclo), e 18,9% (ensino superior).

As diferenças dos resultados nos dois modelos estimados – base e completo – são uma indicação de que a educação permite aceder a profissões e empresas com melhores remunerações.

### **Transmissão Intergeracional da educação**

A avaliação da existência de fenómenos de transmissão do nível de ensino de pais para filhos, em particular, a análise da influência das características dos pais no nível de escolaridade dos filhos evidencia que quanto maior a escolaridade dos pais, maior será a escolaridade dos filhos. A um maior nível de escolaridade do pai ou da mãe está associada uma maior probabilidade de o indivíduo completar um nível de escolaridade mais elevado (e uma menor probabilidade de completar um nível de escolaridade mais baixo).

Confirma-se, assim, a hipótese de existir transmissão intergeracional da educação, no sentido de uma forte associação entre a educação dos pais e a dos filhos. O modelo aplicado aos resultados do inquérito demonstram que o aumento da escolaridade atingida pelo pai é acompanhado por um aumento na variação da probabilidade de o indivíduo completar o ensino superior: de 7,3 p.p. para um pai com o 1º ciclo até 41,1 p.p. para um pai com o ensino superior. No caso da mãe, essa variação na probabilidade passa de 7,4 p.p. para 37,1 p.p., respectivamente.